



## Escola, computadores e aprendizagem

A observação atenta sobre o que se passa na escola facilmente nos elucidava sobre o crescente desfasamento da educação formal relativamente às mudanças tecnológicas que ocorrem no mundo em que vivemos. Não apenas no uso das tecnologias e das suas potencialidades de comunicação, mas também, e talvez de modo mais flagrante, em termos dos conteúdos tratados e das formas de acesso à informação e ao conhecimento. Pode mesmo dizer-se que a cultura transmitida pela instituição escolar tem cada vez menos a ver com a cultura que os alunos vivem e adquirem fora das aulas, sendo visíveis o desinteresse, a desmotivação e o insucesso.

No caso particular das TIC, curiosamente, são os próprios alunos que, de uma forma independente e afastada de qualquer apoio ou supervisão, mais partido tiram do ainda escasso número de computadores e outros recursos tecnológicos existentes. Quando inquiridos directamente sobre o assunto, são aliás particularmente incisivos e críticos sobre o papel da escola em termos de iniciação, motivação e facilitação do trabalho com o computador, manifestando mesmo a ideia de que a escola e, num certo sentido, o professor, estão perdendo o controle e a liderança do processo.

Esta foi uma das conclusões do estudo desenvolvido recentemente na região de Lisboa no âmbito de um projecto de âmbito europeu ([Projecto P|E|D|A|C|T|I|C|E](#) "Educational Multimedia In Compulsory School: From Pedagogical Assessment To Product Assessment"), com o objectivo de caracterizar o tipo de utilização que os alunos fazem do computador e da sua percepção sobre a qualidade dos produtos multimédia disponíveis (Cardoso, Peralta e Costa, 2001).

Muito embora o cenário optimista muitas vezes apresentado de que a utilização das tecnologias é uma questão que não constitui problema dada a facilidade com que os alunos aprendem e manipulam estas novas ferramentas (é uma questão de gerações - dizem alguns), resta-nos a dúvida de saber até que ponto a escola está disposta a lidar também com estas aprendizagens e até que ponto será capaz de assumir o próprio processo de mudança a que hoje assistimos.



Ainda que, em geral, se aceite que o computador pode desempenhar um papel benéfico no processo de aprendizagem, e que isso pode ser conseguido de formas muito diferenciadas, parece ser evidente que a actual utilização do computador nem sempre tira partido das suas reais potencialidades em termos de alteração na forma como as pessoas aprendem. Como sublinha Papert (1996), é no mínimo estranho que, com novos recursos, tão poderosos, como é o caso do computador, que em si mesmo poderiam constituir um factor de mudança substancial na forma de aprender, se continue na escola a fazer o mesmo tipo de trabalho que se fazia antes desse recurso existir, visando o mesmo tipo de objectivos e sem que ocorra qualquer tipo de evolução a partir desse ponto.

Tal como tradicionalmente acontecia, o papel da tecnologia parece reduzir-se ainda, na maior parte dos casos, a fornecer informação julgada pertinente (como se de um professor se tratasse), cabendo ao aluno um papel passivo e limitado a receber e a assimilar de forma acrítica e pouco criativa a informação disponibilizada.

De facto, não bastam enunciados políticos favoráveis, escolas suficientemente bem equipadas e professores motivados, para se alcançarem os objectivos de utilização das novas tecnologias enquanto ferramentas de trabalho intelectual e de suporte à aprendizagem.

Mais do que uma utilização do computador como forma de auxiliar as estratégias de ensino até agora utilizadas, a mudança terá de passar necessariamente por uma preparação específica dos agentes educativos no sentido de se equacionar o uso desses poderosos recursos como suporte ao desenvolvimento intelectual e social dos indivíduos e como factor indutor daquilo a que Papert designa "nova cultura de aprendizagem", não apenas em maior sintonia com um mundo em transformação constante, mas também mais próxima e decorrente dos recentes desenvolvimentos na forma de equacionar a educação e a aprendizagem.

Um (novo?) desafio para a Escola?